

# LINGUASAGEM

## OS ESTUDOS SEMIÓTICOS E AS LINGUAGENS DO PRESENTE<sup>1</sup>

### Entrevista com Jean Cristtus Portela<sup>2</sup>

#### RESUMO

Nesta entrevista, o professor Jean Cristtus Portela apresenta seu percurso acadêmico do jornalismo às letras, especificamente a área de estudos semióticos, discutindo os percalços e imprevistos, as dúvidas e os desejos que foram constitutivos de sua trajetória no campo dos estudos linguísticos. Em seu relato, somos confrontados com uma série de questões científicas, éticas, políticas que interpelam e devem interpelar todo pesquisador comprometido com a relevância científica de seu campo, de suas análises, de seus objetos e com a sociedade e seus problemas. Como analista de discursos ele não se furta de fazer da escolha de seus objetos, dos mais cotidianos e prosaicos aos mais seletos e seletivos, e da forma de sua análise um modo de se manifestar politicamente sobre seu tempo presente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Semiótica; Estudos linguísticos; Literatura; Cultura de massa.

#### ABSTRACT

In this interview, professor and semiotician Jean Cristtus Portela presents his academic path, discussing the mishaps and unforeseen events, doubts and desires that were constitutive of his trajectory in the field of linguistic studies. In his report, we are confronted with a series of scientific, ethical, and political questions that question and should question every researcher committed to the scientific relevance of his field, his analyses, his objects, and society and its problems. As a discourse analyst, he does not shy away from making the choice of his objects, from the most everyday and prosaic to the most select and selective, and the form of his analysis a way of manifesting himself politically about his present time.

---

<sup>1</sup> Entrevista realizada no dia 01 de março de 2023, como atividade das disciplinas Laboratório 6 e 7 - Ênfase II - Textos: Meios e Materiais Instrucionais, do curso de Bacharelado em Linguística da UFSCar. A equipe responsável pela produção, transcrição e retextualização desta entrevista foi composta pelos(as) discentes Amarildo Júnior, Evelisie Alves, Malik Asbahr Nasser, Noá Trevisan e Rafael Campana Filgueiras, e por Luzmara Curcino, docente no Departamento de Letras e no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (DL/PPGL/UFSCar).

<sup>2</sup> Graduado em Comunicação Social com ênfase em Jornalismo pela UNESP de Bauru, Mestre pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), doutor em Linguística pela UNESP (FCLAr), com estágio pós-doutoral em Semiótica pela Universidade de Limoges (França), e Livre-docente em Semiótica pela UNESP (FCLAr). Docente no Departamento de Linguística, Literatura e Letras Clássicas e no Programa de Pós-Graduação de Linguística e Língua Portuguesa da Unesp, câmpus de Araraquara, de que é Diretor no quadriênio 2021-2025. É pesquisador do CNPq (Nível 2) e líder do Grupo de Pesquisa em Semiótica da Unesp (GPS-Unesp). Autor, organizador e tradutor de diversas publicações científicas, desenvolve pesquisas em história e epistemologia das ciências da linguagem, especialmente da semiótica. Foi vice-coordenador do GT de Semiótica da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL) no biênio 2010-2012, integrou a Comissão da Área de Humanas da PROPE/Unesp (2011-2015), foi tesoureiro da Federação Românica de Semiótica (2015-2019) e presidente da ABES - Associação Brasileira de Estudos Semióticos (2017-2023). (Fonte: Plataforma Lattes). E-mail: [jean.portela@unesp.br](mailto:jean.portela@unesp.br).

**KEYWORDS:** Semiotics; Language studies; Literature; Mass culture.

## **Do Jornalismo aos estudos linguísticos**

**Entrevistadores(as):** O professor iniciou seus estudos em Comunicação Social com ênfase em Jornalismo. Na entrevista concedida ao Grupo de Estudos Linguísticos (GEL) em 2020<sup>3</sup>, você rememora quando surgiu seu interesse pelo campo de estudos linguísticos e o quanto esses estudos foram decisivos para sua carreira. O que dessa área foi mais decisivo para sua formação em Jornalismo?

**Jean Cristtus Portela:** De fato, cursei Comunicação Social com habilitação em Jornalismo entre 1997 e 2000. No que diz respeito ao jornalismo, área de que eu posso falar com mais propriedade, os alunos do curso tinham contato com disciplinas dos cursos de Letras e de Comunicação Social. Enquanto as disciplinas da área de Letras eram mais teóricas e reflexivas quanto aos fenômenos da linguagem, as disciplinas de Comunicação Social eram mais técnicas, voltadas para a prática do jornalismo radiofônico, televisivo, para a introdução à *internet*, que na época estava em plena expansão. Havia uma outra parte destinada às teorias que embasam o curso, das Ciências Humanas e das Ciências Sociais, ou seja, das Letras e da Comunicação Social *stricto sensu*, com discussões sobre os suportes, os gêneros e os formatos dos textos desses campos. Foi assim que travei contato com as Letras, com os estudos linguísticos, com os autores dessa área.

Na verdade, antes de prestar vestibular para a Unesp de Bauru eu me interessava por dois cursos: Letras e Filosofia. Acabei cursando Comunicação, o que em certa medida me permitiu conciliar aspectos dessas duas áreas, em especial por meio da Semiótica. Não há disciplina mais filosófica na Linguística do que a Semiótica, a ponto de ser considerada um dos braços da Teoria da Linguagem, da Filosofia da Linguagem.

Naquela época, o curso de Jornalismo da Unesp de Bauru tinha uma característica peculiar: dois anos do curso eram compostos de disciplinas com conteúdos voltados para a área de Letras. Cursávamos *Introdução à Literatura* e outras disciplinas dedicadas a fenômenos estéticos e de reflexão sobre a literariedade, e um semestre de *Literatura e Cultura de Massa*, seguido de uma disciplina de *Introdução à Linguística* e outra de

---

<sup>3</sup> Canal do GEL – Grupo de Estudos Linguísticos de São Paulo. Série: Bate papo com Linguistas. Episódio 5: Conversa com Jean Cristtus Portela, realizada em 28/09/2020. Disponível na íntegra pelo link: <https://youtu.be/tgp-MAWOEKI>.

*Teorias do Discurso*. Era um curso muito completo e humanista à época, e que foi progressivamente modificado em proveito de uma visão prioritariamente tecnicista, que visava a profissionalização da formação em jornalismo. Essa visão tecnicista me parece equivocada, pois além das habilidades técnicas, devemos formar um profissional sensível do ponto de vista artístico e que seja capaz de compreender fenômenos da comunicação que não se restringem a questões técnicas. Não se contratam jornalistas porque sabem usar o *PageMaker*, que era o que utilizávamos à época, por serem bons em diagramação, saberem editar ou possuírem um nível superior de formação nesta área. Contrata-se porque sabem pensar, escrever e dialogar, ou seja, porque são capazes de fazer conexões entre temas, contar bem boas histórias e se conectar com o público.

Tive essa formação no final dos anos 1990, embora desde o início eu soubesse que jamais seria jornalista. Me formei e obtive um registro no órgão de classe dos jornalistas que autorizava a atuar na profissão, porém, me identificava mais com a área de Letras. Na época, decidi continuar no curso de Jornalismo, mas fazer um percurso de autodidata nas Letras. Essa decisão me custou bastante, porque, sobretudo quando se é mais jovem, existem algumas dúvidas sobre como ganhar a vida. Eu precisava de uma resposta. Todos precisam de uma. Não sem razão, me questionava se, depois de ter entrado em uma boa universidade pública, deveria tentar a sorte de novo em outro curso. Falo em “sorte” porque eu vim de uma escola pública dos anos 1980/1990, bem diferente das de hoje, embora já estivesse em declínio. Venho de uma família de origem rural, da classe trabalhadora, na qual ninguém das gerações anteriores teve acesso à Universidade. Na minha família apenas a minha geração contou com essa oportunidade. Tardamente, meu pai pôde cursar Direito, mas ainda assim, fui a primeira pessoa da minha família a se formar em curso de nível superior na universidade pública. Logo, do ponto da família, para alguém que, de modo geral, tem uma origem socioeconômica vulnerável e com histórico de baixa escolarização familiar, a opção por Filosofia é uma loucura. Optar por cursos como este, assim como por Letras, implica em uma escolha afetiva e vocacional que tem de contar com a compreensão e apoio dos pais.

Tratando especificamente da Linguística, quando se entra para a faculdade e já se tem algumas leituras, percebe-se que a Universidade não tem só qualidades. Há professores que são conservadores, há disciplinas orientadas por um olhar às vezes muito restritivo. Quando ingressei, o meu perfil era o de um estudante mais afeito à Literatura, que se identificava com o objeto e discussões dessa área. Logo, entrei para cursar Jornalismo, almejando Letras ou Filosofia, e com interesse particular pela Literatura, pelo

*prazer do texto*, para utilizarmos o termo de Roland Barthes (1987). Sobre a Linguística, e tendo em vista o meu interesse pelas disciplinas da área de Letras, antes mesmo de entrar na faculdade de Jornalismo e como autodidata, eu lia bastante literatura e me interessava pelos procedimentos da literariedade, como alguém que tinha tido algumas informações no nível fundamental, no nível médio e como alguém que escrevia poesias – eu ainda escrevo, mas faz muito tempo que não me dedico a isso.

Acreditava muito que a Literatura era uma prática social que deveria ser estudada, protegida, enfim, compreendida e que sua manutenção na escola era algo fundamental. Nesse sentido, me interessava sobretudo pelas teorias da Literatura de um ponto de vista histórico, tais como o *Formalismo Russo* e seu olhar sobre o material expressivo e a *Sociologia da Literatura*, que considerava os fenômenos e os fatos sociais representados na Literatura, ou aqueles de que ela decorre, como sendo o que é mais pertinente estudar. Em certa medida, já compartilhava essa ideia de que para se fazer análise literária se deveria não só fazer um exercício de explicação de texto. Era também preciso considerar as condições que precedem a produção desses textos. Eu era anti-estruturalista, sem saber. Na verdade, eu desconhecia essas discussões teóricas. Eu compartilhava a opinião de que a relação com o texto deveria passar pelo desejo, pelo prazer. Nessa época, quando eu tinha entre 19 e 20 anos, eu lia Jacques Derrida e discutia com um professor sustentando essa ideia. Hoje tenho vergonha quando me lembro dessas discussões. Se pecados existem, eu paguei todos os meus ao longo da minha carreira e da minha formação.

Eu achava que o sentido, que a significação, daí o nexos com a Linguística e a Semiótica, era ao mesmo tempo social, estético e sagrado. Os colegas da Literatura que me perdoem, mas eu estava muito em conjunção, para usar um termo semiótico, com o objeto valor literário, que era para mim dotado realmente de uma aura. O que se deu depois disso, na verdade, é que eu comecei a ter contato com outras correntes de interpretação de texto, como a Semiótica de Algirdas Julien Greimas, a *Semiótica Discursiva*, e que foi a base de toda minha carreira.

Quando eu tive contato com a Semiótica de Greimas, achei o que todo mundo acha de início: que é uma semiótica redutora, uma camisa de força, que o texto é muito mais do que o próprio texto em si, que o texto é sociedade, é prazer estético. Lembro-me de ter feito uma análise de um conto de Julio Cortázar, que está em seu livro *Bestiário*, chamado *Casa Tomada* (1986). É um conto emblemático, daquela fase de meados dos anos 1950, em que Cortázar experimentava muito, se abria para tudo que viria a ser sua obra. Esse conto tem uma relação com a espacialidade, já que a casa vai sendo tomada e

o espaço vai sendo reduzido. É um conto que permite mostrar muito claramente a relação entre actância, personagem, tempo e espaço sobretudo. O espaço é uma modalidade de projeção enunciativa, de construção do sentido, que na literatura não foi tão estudada, talvez não exaustivamente quanto as categorias de personagem e tempo.

Lembro-me, na época, de ter feito uma provocação à professora, em um pequeno ensaio, em um trabalho para uma disciplina da graduação, sobre algumas questões da Semiótica. Essa professora me chamou para conversar depois. Ela viu que havia algo em mim, uma tensão. Ela foi muito hábil. Ela me deu alguns textos e me explicou algo muito interessante que só depois de muito tempo eu fui entender. Não foram essas as exatas palavras, mas ela falou algo como: “Olha, não é que o texto não tenha relação com a sociedade, nem que o texto não seja um objeto prazeroso, como diria Barthes, inspirado na Psicanálise sobretudo lacaniana, um objeto de *jouissance*, de gozo do sujeito, portanto de coisas boas e de coisas ruins que interceptam o sujeito. É que nessa escola de análise de textos, a Semiótica, se opta por tratar os elementos textuais dentro do sistema de que eles participam, com os quais se conjuga, para depois estabelecer outras relações”.

Foi nessa conversa, que não aconteceu nesses exatos termos, que eu entendi evidentemente que os estruturalistas, de um modo geral, salvo raras exceções, não são ingênuos. Na verdade, só parecem arrogantes e extremamente ambiciosos, porque sonharam em conhecer e otimizar os sistemas que subjazem às práticas sociais, literárias e outras diversas, e ainda sonham de algum modo. Autonomizando os sistemas, conhecendo seus constituintes, seus caracterizantes e as suas relações possíveis, é como se tratassem a linguagem como um jogo.

Naquele momento, tive minha primeira aula de *Epistemologia das Ciências Humanas*, e talvez de *Epistemologia da Linguística*, porque essa mesma tensão, que estudantes de Letras percebem, entre estudos de cunho mais formal, estrutural, e estudos culturais, no âmbito da Literatura, é a mesma tensão que muitas vezes vai permear a relação entre estruturalistas e funcionalistas na Linguística. Ou seja, alguns acham que o sistema se reduz a seus constituintes e às regras combinatórias de que podem fazer parte, e outros acreditam que isso é a base, isso é o material primário de que o falante, o sujeito que produz a semiose, se vale para se comunicar em um dado contexto, para uma dada pessoa, em um dado tipo de hierarquia social. Esse episódio foi um ponto de inflexão na minha formação.

Comecei a estudar francês depois que essa professora, Maria Lúcia Vissotto Paiva Diniz, me convidou para traduzir um texto juntos. Trata-se de uma pessoa muito generosa

e que se tornou uma grande amiga e incentivadora da minha carreira. Ela havia morado na França por muitos anos, conhecia bem a língua francesa e há um bom tempo estudava Semiótica. Apesar de eu não ser fluente em francês à época, ela confiava na maneira como eu empregava as palavras. Sempre gostei de fazer notas de rodapé, e se eu acreditasse em vidas passadas, diria que em outra vida fui filólogo.

Assim saiu o primeiro trabalho acadêmico de que eu fiz parte, uma tradução de um texto de Greimas, de uma palestra que ele tinha ministrado no Brasil em 1973, que se chama *A enunciação (uma postura epistemológica)*. Para mim, esta foi a porta de entrada para o estudos dos fenômenos da linguagem que exigem de nós respostas para perguntas, como *O que significa um texto?*, *Quais são as formas de ler um texto?*.

Assim, ficou claro para mim que eu estava cursando Comunicação Social, mas não seria comunicador social. Talvez já começasse a ficar claro para mim que eu me encaminharia para a Linguística e para a Semiótica, apesar de eu não ser exatamente à época nem linguista nem semioticista.

### **Pesquisa e objetos em Semiótica: da crônica ao haikai**

**Entrevistadores(as):** Em seus primeiros trabalhos acadêmicos você estudou a crônica e depois se dedicou, em sua dissertação de Mestrado, à análises semióticas do haikai. No Doutorado, houve uma inflexão de seu objeto de pesquisa quando então você passa a analisar manuais de Semiótica, um gênero com finalidades didáticas de introdução ao conhecimento da área. Gostaríamos de ouvi-lo de início sobre seu trabalho, nos estudos semióticos, dedicados a esses gêneros literários bem específicos, a crônica e o haikai.

**Jean Cristtus Portela:** Conforme lia e conversava com outras pessoas a respeito da Semiótica, de seus conceitos, de seus objetos prioritários, de seus objetivos, observei que havia poucos livros de ensino de Semiótica. No Brasil, contávamos, à época, sobretudo com dois livros clássicos de autoria de dois importantes linguistas, mestres e hoje amigos, José Luiz Fiorin e Diana Luz Pessoa de Barros. Também tínhamos acesso a textos de colegas franceses. Tanto esses livros quanto esses artigos se assemelhavam em sua preocupação didática e em sua análise de textos literários. Dessa maneira, compreendi que a Literatura foi o objeto de pesquisa da Semiótica desde o seu início, especialmente se considerarmos os estudos em Semiótica Discursiva do final da década de 1970, embora

já houvesse uma certa abertura para o estudo de outros objetos, como textos de origem publicitária e jornalística.

Apesar dessa prevalência do interesse por textos literários, descobri, no trato com a história da Semiótica, que alguns semioticistas, já no final da década de 1960, se arriscaram no estudo de outros objetos, por exemplo de histórias em quadrinho. Mesmo assim, a Semiótica Discursiva era vista mais especificamente como uma teoria de exploração do texto literário. Por exemplo, se levamos em consideração a tradição araraquarense<sup>4</sup>, com a qual tive maior proximidade durante a época de doutoramento e, posteriormente, quando solicitei transferência como professor do *campus* da Unesp de Bauru para o *campus* de Araraquara, essa predileção pelo estudo do texto literário ficava evidente: cada pesquisador analisava classicamente um autor, a partir da Semiótica, dos estudos das paixões e das formas linguísticas de construção das personagens, fossem eles estudiosos provenientes do campo da Literatura ou do campo da Linguística.

Essa predileção condiz com uma espécie de *Zeitgeist*, ou seja, de espírito da época, particularmente dessa época de transição em que a Semiótica Discursiva era vista e praticada como uma teoria de análise literária. Não se pode, no entanto, ignorar que à época também existia o Centro de Estudos Sociosemióticos, fundado por Ana Cláudia de Oliveira e Eric Landowski, que se dedicava prioritariamente a outros objetos de linguagem relativos a fenômenos sociais. Assim sendo, o que aprendemos com a história da Semiótica, no mundo e no Brasil, é que ela é composta por pelo menos três matrizes: uma matriz europeia de tradição francófona, que é a Semiótica Discursiva; outra de origem eslavo-germânica, que é a Semiótica da Cultura; e, é claro, a de matriz americana, ou melhor dizendo, a Semiótica de Peirce, o pioneiro, em meados do século XIX, a postular as bases, os princípios de análise propriamente semióticos.

Na condição de estudante de Jornalismo, eu cursava disciplinas afeitas ao curso de Letras e uma delas era a Semiótica. Na época, meu professor ainda estava aprendendo a disciplina que ensinava e estava muito encantado pela Semiótica Peirceana. Aprendi que havia várias maneiras de estudar Semiótica e que um de seus objetos de pesquisa eram os textos literários. Como eu pretendia cursar Letras, pareceu-me um tanto providencial dedicar-me à Semiótica e, com isso, poder estudar um objeto literário, mesmo estando matriculado em um curso de Comunicação.

---

<sup>4</sup> Na esteira do que fizeram na FCLAr/Unesp Edward Lopes, Ude Baldan, Edna Nascimento, Arnaldo Cortina e Renata Marchezan, entre outros.

Por consequência, os primeiros textos que analisei foram as crônicas do Arnaldo Jabor, antes de ele se tornar o *boy* da Globo e depois se mostrar uma pessoa ambígua politicamente. A grandeza de Arnaldo Jabor no jornalismo da Folha de São Paulo é equiparável a Nelson Rodrigues, em termos de domínio da adjetivação, das enumerações adjetivas, das cenas construídas, o que faz com que algumas de suas crônicas possam ser consideradas como resultantes de um olho de cineasta ou, ainda, como uma fanopéia, como diria Ezra Pound (1976). Suas crônicas tinham a capacidade de fornecer uma imagem precisa ao leitor, como se ele estivesse presenciando o que na verdade estava lendo. Essa capacidade de produzir imagens vívidas, convincentes, por meio da escrita, a Retórica nomeia como hipotipose.

Iniciei, portanto, meus estudos na Semiótica com a crônica, que é um gênero intermediário entre o Jornalismo e a Literatura. Comecei fazendo uma espécie de “puxadinho” no Jornalismo, como se eu cursasse Letras por correspondência pelo *Instituto Universal Brasileiro*. Ao me valer da crônica que, conforme o texto clássico de Antonio Candido e de tantos outros pesquisadores, é por excelência o gênero que articula o tempo presente e a dimensão estética do vivido. Depois de um tempo trabalhando com a crônica, perdi o interesse por analisar textos desse e de outros gêneros. Eu gostava de ler, sempre fui um leitor voraz, mas não gostava de analisar textos. Valorizo muito os colegas que analisam textos e, sobretudo, textos literários, porque esse trabalho exige erudição e um olhar atento para a complexidade do funcionamento deste tipo de texto.

Simultaneamente, neste período eu havia começado a estudar japonês e como sempre gostei de ler e de escrever poesia, já conhecia um pouco de história da poesia e comecei a me interessar pela poesia japonesa, mais particularmente pelo *haikai*. O *haikai* tem uma presença importante na literatura ocidental, mais exatamente na literatura americana ou de língua inglesa com os *Imagistas*, por exemplo, nos anos de 1910 a 1920, quando se testemunha uma maior abertura do Japão para o Ocidente iniciada no final do século XIX.

Na França, isso vai ter mais consequências na prosa, com Pierre Loti, por exemplo, autor que publica um livro chamado *Japoneries d'Automne* (Japonesarias de Outono), em 1889, afiliado às correntes do Orientalismo do começo do século XX. Aqui no Brasil não foi diferente. O Modernismo brasileiro, de algum modo, e depois a poesia contemporânea brasileira, incorporaram direta e indiretamente o *haikai* e seu apelo à imagem, seu formato conciso, seus versos breves e livres.



Até então eu não conhecia muitas poesias desse tipo, apenas os haikais de Millôr Fernandes com tom de humor e algumas brincadeiras poéticas de Mário Quintana. Não conhecia a tradição do haikai, não sabia que sua divisão funcionava como as três primeiras estrofes de um longo poema, produzido oralmente como uma espécie de desafio, com pessoas reunidas ao redor de fogueiras enquanto conversavam, bebiam e comemoravam. Desse modo, o haikai está mais próximo, nas suas origens, do repente e dos desafios dos repentistas do que propriamente de uma poesia breve e de formulação lapidada.

O surgimento do haikai remonta, portanto, ao final do século XVII e início do XVIII, quando se começa a separá-lo destas formas poéticas mais longas. Essa história francamente me arrebatou. Na época eu tinha acabado de descobrir os Imagistas. Eu estava lendo William Carlos Williams, que é um autor que eu até hoje releio de tempos em tempos. Comecei a estudar haikai e me dei conta de que esse era um objeto que me interessava, com o qual tinha prazer em trabalhar. Esse período coincidiu com o término de minha graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. Vindo dessa área, eu não sabia que poderia fazer Mestrado em Letras. Por sorte, uma professora de Letras da UEL, Loredana Límoli, que me conhecia, me orientou a esse respeito e disse que eu poderia realizar o processo SSeletivo. Fui aprovado e apresentei, em 2003, ao final do Mestrado, minha dissertação intitulada *Semiótica do Haikai: contribuição para o ensino de poesia*<sup>5</sup>.

Neste trabalho, pude constatar que o haikai é uma poesia prototípica, por isso de grande interesse para formação escolar de leitores de poesia, dado que são textos breves, baseados em experiências cotidianas, e que dispensam, tal como ocorre com outros tipos de texto verborrágicos, que seu leitor conheça toda uma tradição de erudição literária para interpretá-los.

## O estudo de manuais de Semiótica e a Historiografia Linguística

**Entrevistadores(as):** Você é reconhecido na área por seus trabalhos de Historiografia Linguística dedicados à história da Semiótica no Brasil. Como se deu essa transição entre análises de textos literários para análises de textos instrucionais, didáticos, metalinguísticos? Trata-se de uma inflexão, de uma mudança no foco de interesse de suas pesquisas?

---

<sup>5</sup> Algumas ideias dessa dissertação encontram-se em MOMESSO, R. *et al* (2011).

**Jean Cristtus Portela:** Quando terminei o Mestrado, ficou claro para mim que tinha de me despedir das análises de textos literários e, sobretudo, da análise de textos que servem para ser lidos dentro de uma prática social de entretenimento, estetizante ou social. Eu percebi que tinha tomado gosto por trabalhar com outro objeto, com textos científicos. Isso foi para mim uma fonte de grande angústia, porque na ocasião eu estava elaborando um projeto de pesquisa para o Doutorado e pretendia analisar os poemas e os sonetos de Glauco Mattoso, alguns dos quais, à época, eu tinha traduzido para o francês e disponibilizado em um *blog* que ainda está *online*, embora eu nem sempre o atualize. Nessa época, em função do meu interesse por sua obra, fui inclusive visitá-lo em São Paulo, o que foi uma experiência bacana. No entanto, cheguei à conclusão de que isso não satisfazia meu apetite teórico.

Em 2003, entrei em contato com o professor Arnaldo Cortina, que havia realizado estágio de pós-doutoramento entre os anos de 2001 e de 2002 em Paris, na França, e que conhecia alguém importante do primeiro momento da Semiótica, François Rastier, de quem eu até já tinha traduzido alguns textos. Contatei o professor Arnaldo, que foi muito receptivo como sempre, e expliquei o meu interesse por adotar como objeto de estudo textos científicos do campo da Semiótica, e mais especificamente, manuais de Semiótica brasileiros.

Esta minha escolha de objeto o deixou um pouco receoso. É comum a ideia de que a Semiótica ou qualquer teoria do discurso pode ser aplicada para a análise de textos literários, publicitários, jornalísticos, relacionados a práticas sociais, e esquece-se normalmente de que a ciência também é uma prática social. O que eu buscava, e consegui muitos anos depois, inclusive após o desenvolvimento da tese, foi lançar uma visada semiótica sobre textos científicos, dado que textos científicos nada mais são do que narrativas cujos personagens são as ideias. Iniciativas como estas já haviam sido adotadas na própria área da Semiótica. No livro clássico intitulado *Introduction à l'analyse du discours en sciences sociales* (1979), cada capítulo foi dedicado à análise de textos científicos de diferentes campos.

Assim, vi que era possível aplicar a teoria do discurso a qualquer tipo de discurso e que eu queria conhecer melhor a história dos manuais de semiótica para resolver um problema de base para mim, porque eu achava que havia pouco material para quem queria estudar Semiótica. Sem saber o que era Historiografia Linguística na época, fui estudando a história da Semiótica de um modo caseiro, de um modo improvisado, vendo as datas e

enfileirando os textos em ordem cronológica. Desse modo, fiz uma história da Semiótica à minha maneira.

Terminei minha tese e, na sequência, iniciei uma pesquisa na Unesp de Bauru, onde atuei como docente no mesmo curso em que eu estudei na graduação, ministrando justamente as disciplinas de que eu gostava quando era estudante. Pude ministrar *Introdução à Linguística* e trabalhar com as teorias do discurso. Fiz uma pesquisa sobre os manuais de linguística saussuriana no Brasil, um pouco na mesma inspiração de minha pesquisa de Doutorado. Fiz um levantamento do que havia sido publicado, selecionei os principais autores, vi quais eram os temas mais trabalhados na linguística saussuriana, fiz uma comparação com os manuais franceses e constatei algo que para mim foi um divisor de águas, que me permitiu entender que o nosso trabalho não está circunscrito por um conjunto fechado de textos e que já estariam bem assentados nas práticas sociais. Nosso trabalho não é só analisar poemas, contos, crônicas, artigos de opinião, objetos que têm nome, que são reconhecíveis em sua unidade. O nosso trabalho como estudiosos da linguagem é olhar para a nossa sociedade e perceber tudo que se dá no âmbito da linguagem e analisar talvez coisas que ainda não tenham nome e talvez coisas que não tenham muitos textos a seu respeito.

Foi em função dessa percepção que eu intitulei minha tese de Doutorado, dedicada à análise semiótica de manuais de Semiótica, de *Práticas didáticas: um estudo sobre os manuais brasileiros de semiótica greimasiana*<sup>6</sup>, porque entendi, no processo, que eu de fato queria mais analisar as práticas de ensino da Semiótica do que os textos em si disponíveis para seu ensino. Essa percepção quanto a meu interesse sobre as práticas me permitiu, depois da tese, ao longo dos primeiros anos de minha carreira docente, ao lecionar em um curso de Comunicação, orientar muitos Trabalhos de Conclusão de Curso, muitos jovens pesquisadores da Comunicação que adotaram objetos muito variados, desde *blog* de gastronomia a livro-reportagem sobre a morte indigna de animais nos matadouros.

Em 2003, eu estava muito ligado a objetos da área de Comunicação, o que em certa medida me fez dar as costas aos objetos literários. Gostava de fazer a história da Semiótica, gostava de analisar textos teóricos, mas eu acabava orientando trabalhos ligados à Comunicação. Em 2014, isso se altera em certa medida quando me torno docente da Unesp em Araraquara e começo a orientar basicamente trabalhos sobre a

---

<sup>6</sup> Cf. Portela (2008).

História da Semiótica. Há 9 anos trabalho nessa instituição. Hoje, posso dizer que se estuda a História da Semiótica do Discurso, que se fazem reflexões mais detidas sobre as suas correntes e principais conceitos, tal como o fazemos no grupo de pesquisas que coordeno e que se tornou uma referência em Semiótica Discursiva. Foi então que eu comecei a entender que o trabalho que vinha fazendo há mais de uma década de análise de texto científico, de análises de textos da própria Semiótica, tinha algum sentido.

Nesse período, não deixei de pensar em diversas práticas sociais, mobilizando para isso conceitos da Semiótica, passíveis de mobilização na análise de objetos os mais diversos, como as análises das histórias em quadrinhos que encampeei, o que até então não havia sido estudado, tal como pude fazer. Mesmo não sendo alguém que gosta de analisar textos, ainda assim decidi analisar quadrinhos.

Eu cheguei aos quadrinhos na altura de 2013, 2014, me dizendo que os quadrinhos são estruturas extremamente complexas e fascinantes para todas as idades e que vêm sendo promovidos, mais ou menos desde o final dos anos 70, a objeto de leitura adulta e artística, seguido do movimento, ao longo dos anos 80 e 90, de grande sucesso das novelas gráficas no âmbito americano e francês. Eu me perguntava por que a Semiótica não se interessou por esse objeto? A resposta, na verdade, é muito mais básica do que eu poderia supor: não houve interesse por esse objeto, salvo por J. M. Floch, porque a maior parte dos semioticistas eram homens de cultura literária, com mais de 50 anos e que ainda achavam que os quadrinhos eram coisa de criança. A resposta mais vulgar é essa. Já a resposta menos vulgar é porque a Semiótica Discursiva começava sua tradição com textos literários.

A Semiótica Discursiva, no entanto, é só uma das frentes teóricas da Semiótica e antes dela e em paralelo a ela havia aqueles que se interessavam pela cultura de massa. Por exemplo, no livro *Mitologias*, de Roland Barthes, que foi elaborado na primeira metade da década de 1950, o autor analisa o que significam as franjas romanas em um filme dirigido por Mankiewicz. Barthes vai analisar cinema, luta livre, o sentido de embalagens e da publicidade de detergentes e saponáceos, o bife com fritas na cultura francesa. Nada lhe é indiferente. O ponto de vista da Semiologia, tal como anunciado por Saussure no *Curso de Linguística Geral* como uma disciplina que estuda o signo no seio da vida social, já tinha sido assumido pela Semiótica. Com isso, fui entendendo umas coisas muito pontuais, mas que me permitiram avançar bastante. Eu acreditava que a Semiótica era uma disciplina literária e, finalmente, me dei conta de que na longa história francófona dessa disciplina é possível constatar sua tradição de estudo da produção

cultural de massa. Portanto, os quadrinhos não entraram nessa história por mero gosto dos primeiros semioticistas.

### **O estudo de objetos contemporâneos e a divulgação da Semiótica**

**Entrevistadores:** As teorias linguísticas contemporâneas enfrentam um grande desafio de se tornarem acessíveis, de despertarem o interesse de pesquisadores jovens. Trabalhar com um gênero tão popular entre os mais jovens, como os quadrinhos, poderia contribuir para tornar teorias linguísticas como a Semiótica mais conhecidas, e aumentar o interesse por essa área de estudos?

**Jean Cristtus Portela:** As teorias linguísticas são feitas por pessoas que sofrem influência de seu meio social, dos textos que são consumidos e que estão em circulação, enfim, das mídias de prestígio de sua época. A história institucional da Linguística, até o século XIX, consistia em um conjunto de linguistas que queriam explorar as línguas clássicas. Muitos trabalharam com o indo-europeu, com o sânscrito, com o grego e com o latim, a partir de uma abordagem comparada das línguas europeias mais hegemônicas. No início do século XIX, as ideias de Humboldt perpetuaram o fascínio pelas chamadas línguas exóticas, um termo que hoje consideramos não adequado, pois se refere às línguas não-europeias tidas por exóticas por eles naquele momento. Neste momento encontramos as reflexões de Humboldt sobre o *Kawi* (lê-se “kavi”, língua da ilha de Java) e sobre o *Nahuatl* (dos Astecas). Havia um debate entre os linguistas europeus acerca de quais línguas analisar, e do procedimento de adotar uma língua antiga ou moderna e de buscar suas origens comuns com outras línguas. Outro estudioso da época, o dinamarquês Rasmus Rask, dedicou sua vida toda aos estudos das origens do islandês até a sua fase que lhe foi contemporânea (primeira década do séc. XIX).

O século XX, por sua vez, foi marcado pela proliferação das mídias. A fotografia estava em plena popularização, seguida do surgimento da imagem em movimento, ou seja, do cinema, e logo depois do rádio. As histórias em quadrinhos são contemporâneas destas invenções, uma vez que podemos situar o gênero no terceiro quarto do século XIX. Posteriormente, ganham maior visibilidade com o desenvolvimento do jornalismo americano fazendo sucesso sob a forma de *comics* nos tabloides.

Os linguistas dos séculos XVIII e XIX estavam inscritos em uma sociedade com problemas distintos daqueles da sociedade no século XX. A primeira metade do século

XX foi dedicada à compreensão da língua como um fato social. Essa constatação nos levou, por exemplo, às elaborações que vão redundar nas ideias sobre a Sociolinguística de Antoine Meillet, até, mais adiante, na Sociolinguística de William Labov. Eles partem de domínios diferentes, mas com preocupações semelhantes, como a descrição das características sociais da fala, de seu contexto de produção específico, da situação social do sujeito que enuncia.

Esse projeto de desenvolvimento de uma Linguística da fala centrada no presente das comunidades permitiu posteriormente entender certos princípios de variação e mudança da estrutura da língua, que são fundamentais nos estudos linguísticos. Esse interesse por essa dimensão, a da fala, deve-se em grande medida às demandas e às produções culturais dessa primeira metade do século XX.

Os linguistas, de modo geral, nesse período, analisam a língua considerando vários níveis de análise, da fonética e fonologia à morfologia, passando pela sintaxe e pela semântica formal, mais localista, ou pela pragmática mais interessada na língua em funcionamento. Dessa forma eles vão se valer de textos dinâmicos, textos frescos, coletados com as mais diversas metodologias. Por outro lado, os analistas de discurso e os semioticistas, que também são analistas do discurso, podem trafegar em diversos gêneros, formatos e estilos de linguagem, porque eles estão interessados em analisar aspectos linguísticos relacionados à formação dos sujeitos, à história, à memória, ao esquecimento, à ideologia, à produção da significação. Todos esses objetivos não dependem especificamente de uma análise estrutural, de uma análise das estruturas linguísticas, porque são da ordem de linguagens distintas como a de um filme ou a de uma foto com ou sem legenda.

Podemos citar como exemplo de um tipo de texto de interesse de análise discursiva a polêmica envolvendo a publicação de uma fotomontagem, ilustrando uma matéria da Folha de São Paulo, em 18 de janeiro de 2023, na qual Lula é representado atrás de um vidro estilhaçado, como tendo sido atingido por uma bala no peito. Utilizaram aquela fotomontagem e uma simples legenda *Foto feita com técnica de múltipla exposição mostra o presidente Lula e vidro avariado após ataques do dia 8*. Não sem razão, tiveram de se explicar ao longo de toda a semana sobre o que quiseram dizer com aquele texto. A explicação que deram em nada nos convenceu, porque aquela foto, semioticamente, aponta para descontinuidades, para rupturas, quando estamos tentando colar as várias pontas da história recente do Brasil.

Percebam que quando falamos sobre as histórias em quadrinhos e como são selecionadas, fica claro que elas contribuem para a Linguística. Afinal, elas são escolhidas a partir do lugar que é o meu, de um homem de meia idade, que leu quadrinhos apaixonadamente e que representa uma nova geração na universidade (alguns diriam uma nova geração precária da universidade, já que a gente apresenta uma erudição em cultura *pop*, cultura de massa). Mas já está na hora de entendermos que isso é cultura e que, mesmo que os meios de comunicação e os grupos econômicos se apoderem da cultura de massa para ganhar dinheiro e lobotomizar as pessoas, precisamos entender que esse é um tipo de cultura que produz muita informação.

Podemos encontrar história e estética nessa cultura em específico e não temos que esperar que um linguista de 3 ou 4 gerações anteriores à nossa reconheça esses aspectos em textos que se consome como leitor e cidadão. Portanto, como linguistas desse tempo, devemos estar sensíveis aos produtos desta época e ler os textos que estão em alta em nossa geração.

A dificuldade é refletir sobre como vamos conciliar os diversos tipos de erudição e sobreviver nesses períodos de transição entre as culturas e as épocas? A chave é ler de tudo, todo o tempo e fazer conexões. Se você gosta de *Em busca do tempo perdido*, do Marcel Proust, então leia em português, tente ler em francês, leia as diferentes traduções, leia as partes que o Quintana traduziu, depois leia as traduções mais recentes do Fernando Py, psicanalista, cuja tradução saiu mais recentemente. A *Companhia das Letras* está lançando agora dois volumes, o primeiro é do Mário Sérgio Conti, e o segundo, da Rosa Freire d'Aguiar, que traduziu todo mundo do francês, de Céline a Claude Lévi-Strauss. E ler tudo isso oriundo da cultura de prestígio não significa que você não pode gostar e nem precisa conhecer muito de *pop* francês, por exemplo. Esses conhecimentos não se anulam. Porque assim como esse livro do Proust é um testemunho da sua época e de sua inteligência criadora, o *pop* francês da atualidade também o é.

Então foi com esse princípio, desafiando a aura dos objetos literários e artísticos, que eu fiz questão de contar um pouco da história da Semiótica por meio de um objeto considerado *marginal*. Foi assim que o quadrinho se tornou de fato um objeto de estudo relevante para mim. O quadrinho está em todos os extratos sociais e hoje, sobretudo, é do conhecimento de muitas faixas etárias. Ele aparece na redação de vestibular como texto citado, no livro didático como referência presente nas lições e atividades, no *PowerPoint* do colaborador de empresa para ilustrar um termo, e aparece até nas páginas do jornal

acompanhando notícias. Ou seja, ele é um objeto a ser lido. Como para a Semiótica não há objeto ruim, nem melhor, nem pior, eu fiz a minha escolha pelos quadrinhos.

Sua geração, de linguistas em formação inicial, deveria extrair mais consequências das séries produzidas por esses grandes conglomerados de *streaming*, pela indústria dos videoclipes, dos lançamentos coordenados entre música, clipe, campanhas e produtos. Como semioticistas, devemos estudar as manifestações da linguagem em suas variadas formas e devemos partir do princípio de que todas as formas devem ser consideradas pertinentes. Há 100 anos, os linguistas discutiam quais eram os registros de língua que deveriam ser priorizados para análise, e ficou muito claro entre o final do século XIX e início do XX, inclusive para Ferdinand de Saussure e antes dele para William Dwight Whitney, que todos os registros de língua deveriam ser estudados. Todos são importantes, sejam eles registros de pessoas pobres ou ricas, das camadas populares ou dos aristocratas, crianças ou pessoas idosas.

Agora, 100 anos depois, estamos nessa entrevista fazendo menção a uma questão parecida, que é: quais são os objetos que merecem, podem ou devem ser estudados no âmbito dos estudos da linguagem? A questão só trocou de dimensão. Anteriormente nos perguntamos sobre os tipos de língua a serem estudados. Hoje nos perguntamos sobre os tipos de linguagem que merecem a condição de objeto de estudo científico. Não somos arqueólogos, paleontólogos, filólogos do passado, então não tem sentido os jovens linguistas reduzirem seu interesse puramente aos textos que nós chamamos de *clássicos* (embora os clássicos *clássicos*, os da antiguidade clássica, sejam atuais e devam ser estudados). Estes são textos importantes, fundadores, que inspiram séries que a *Netflix* está explorando hoje, porém não são lidos em escala e nem em geral mobilizam questões sociais representativas desta época.

Assim, abordamos os mais diferentes tipos de texto e nos tornamos também presenças mais bem-vindas ou simplesmente naturais em alguns ambientes culturais. O linguista deve ocupar todos esses lugares, seja como produtor de livros didáticos, de conteúdo para blogueiros, de conteúdos institucionais, de jornalismo institucional ou de propaganda institucional. Então o linguista semioticista não pode se dar ao luxo de escolher objetos que dialogam somente com uma cultura dita erudita. Umberto Eco lá nos anos 1960, com seu livro *Apocalípticos e integrados*, nos trouxe essa reflexão sobre os tipos de cultura. Com seu livro, acessamos uma visão que navega por todos esses tipos. Quanto mais navegamos, mais conhecido e relevante se torna o campo de estudos linguísticos hoje para as gerações do presente, de modo a responder suas questões do



presente. Se pesquisarmos nas revistas científicas de nossa área, não apenas naquelas específicas de Semiótica e de teorias do discurso, mas também nas outras dedicadas a outras teorias de análise linguística, veremos que mesmo aquelas voltadas para os níveis mais restritos ao nível da frase, também estão se interessando por objetos não-hegemônicos e socialmente alternativos àquilo que o aparato institucional oferece.

**Entrevistadores(as):** A Semiótica emerge como uma teoria dos estudos linguísticos com o objetivo de garantir uma interpretação mais precisa de textos pluridimensionais. Em seu artigo *Estratégias enunciativas de construção da inclusão na HQ*, publicado em 2020, o professor trata do tema da inclusão e o faz a partir da leitura da HQ *O Árabe do Futuro*. O que motivou a escolha desta HQ? Além dos objetivos científicos, o que move pesquisadores como você a estudarem objetos como este?

**Jean Cristtus Portela:** Os meus objetivos teóricos. O semioticista francês, Eric Landowski, um dos fundadores da Sociosemiótica, em seu um livro chamado *Presenças do outro*<sup>7</sup>, propõe uma reflexão a partir da metodologia do quadrado semiótico sobre os discursos e os modos de identidade. Nesse modelo de organização semântica, parte-se de dois termos de base, no caso, dos termos /inclusão/ e /exclusão/. Projeta-se uma estrutura quaternária negando a /inclusão/ e negando a /exclusão/, formando assim um quadrado semiótico. Segundo esse modelo, a parte de cima do quadrado, /inclusão/ e /exclusão/, vai gerar termos de segunda geração, que estão embaixo, que seriam /agregação/ e /segregação/. Pode-se comparar o léxico, ao analisar problemas identitários de adaptação entre culturas. De um lado você tem a /inclusão/ e a /agregação/, de modo que quem não está completamente incluído está pelo menos agregado. Do outro, semanticamente, você tem o excluído e o segregado.

Quando tive contato com esse quadrado semiótico ele não me causou nenhuma surpresa, mas, com o passar do tempo, eu comecei a ler alguns textos nos quais percebi que o processo da assimilação, da incorporação e da neutralização dos elementos culturais está por detrás do que hoje conhecemos por apropriação, e podemos dizer tecnicamente que a apropriação é de caráter assimilativo. Estranhamente, dentro da cultura, as pessoas sofrem pressões e algumas são levadas a desejar a assimilação. Essas pessoas não entendem o que seria a verdadeira inclusão. Elas não querem ser excluídas e segregadas,

---

<sup>7</sup> Cf. Landowski (2002).

nem querem a negociação exigida numa agregação. Elas querem se confundir na massa indistintamente. Na teoria de Landowski, a assimilação é vista como algo que é moralizado do ponto de vista negativo. Segundo minha análise, existe na Semiótica um jeito de não projetar uma valoração, nem positiva nem negativa sobre a questão, pois a assimilação é um estágio indistinto entre a inclusão e a agregação.

Essas são afirmações puramente teóricas. Eu estava lendo na época essa HQ *O Árabe do Futuro (L'arabe du futur)*, cuja história é justamente a do caso de um filho de pai árabe com mãe francesa que, quando é reintroduzido no mundo árabe, sofre todas as diferenças culturais. O pai dele dizia: “Você é um árabe do futuro”. O texto da história desse quadrinho é a descrição desses momentos de adequação e de inadequação. Posso citar duas chaves do meu interesse de leitura e análise dessa HQ: primeiro, meu interesse teórico; segundo, porque minha pesquisa permite escolher qualquer tipo de texto, e eu escolho aqueles que convocam as pessoas para a militância. Você pode ter interesses teóricos extremamente elaborados do ponto de vista da epistemologia e se puder demonstrá-los com, por exemplo, a última polêmica envolvendo a Shakira e a música que ela fez, isso pode ser interessante, estimulante, ter mais apelo junto a um público mais amplo. Foi por essa razão que os quadrinhos se impuseram na minha trajetória: por serem um texto de leitura da minha época e em função do meu gosto.

**Entrevistadores(as):** No artigo *A figura feminina nos filmes Disney: Prática de representação identitária*<sup>8</sup>, que você publicou em 2018 em coautoria com a professora Patrícia Verônica Moreira, que foi sua orientanda de Doutorado e de Pós-doutorado, vocês realizaram uma análise de representações do feminino em vários filmes do *Estúdio Disney*, a partir, especialmente, das produções derivadas da franquia das *Princesas*. Em que medida a análise de produções culturais como estas, apenas recentemente consideradas como objeto de estudo elegíveis, podem contribuir para lançarmos luz sobre temas centrais de nossa atualidade, como o relativo às mudanças necessárias nas formas de representação de certos sujeitos em sociedade? Quanto isso está relacionado com as linguagens a que estamos expostos?

**Jean Cristtus Portela:** Quando se pensa em um trabalho de descrição e análise de práticas e representações sociais ou literárias de sujeitos que têm um papel importante na

---

<sup>8</sup> Cf. Moreira & Portela (2018).

socialização e no entretenimento humano, a responsabilidade do semioticista começa a aumentar. Quando estudamos práticas sociais como esta, nos colocamos como intérpretes da cultura. Mais uma vez, eu gostaria de lembrar do trabalho feito por Roland Barthes, em *Mitologias*, no ano de 1957. Ele mobiliza categorias teóricas, semiológicas, possíveis de serem aplicadas para qualquer outro objeto, coisa, viva ou morta, antiga ou nova. Como semioticista, podemos escolher aplicar os conceitos e pontos de vista que a teoria permite em um tipo de objeto como este das animações da *Disney*, que são consumidas atualmente e que fazem parte da vida das pessoas de diversas formas, não apenas como consumidoras da narrativa fílmica, mas também de tudo que pode dela derivar, desde uma caneta, uma capa de caderno, uma roupa, uma fantasia. E não para por aí. As pessoas, inspiradas em produções como essas, podem projetar relações amorosas, sexuais, amizades em torno de algumas representações dessas animações.

É esse tipo de relação complexa com as produções culturais que podem incomodar alguns semioticistas, porque elas podem resvalar em um engajamento que esvaziaria o ato analítico tal como tradicionalmente foi concebido por alguns desses intelectuais que se esforçaram para manter distância de seus objetos, dada a influência estrutural de sua formação. Isso se aplica (o distanciamento) ao contexto francês especialmente. A análise desse tipo de objeto exige partir de procedimentos metodológicos muito precisos e claros para que tenham relevância científica, como o de selecionar aqueles que são mais assistidos, vendidos, procurados e vistos, pois o pressuposto é o de que a grande procura é um indicador de relevância social, ainda que a inteligência algorítmica interfira nesse processo. O impasse na análise desses objetos quantitativamente expressivos, é o de saber se as pessoas procuram esses produtos porque eles representam uma época, dialogam com seus sujeitos, ou porque a mídia e a indústria cultural formaram previamente o gosto dessa época por meio da massificação do acesso, controlando assim o gosto de quem escolhe esses produtos culturais? Em outros termos, o impasse consiste em responder se se assiste esse filme porque se gosta e porque ele parece ser socialmente relevante para você, ou se você apenas foi ensinado, treinado, acostumado a gostar dessa produção pela publicidade, por exemplo?

Esse é um dos problemas de que os frankfurtianos se ocuparam. Nas reflexões de Theodor Adorno e Max Horkheimer sobre a indústria cultural, eles não têm dúvida de que a indústria cultural adentra o sujeito no contexto do capitalismo e produz um gosto, que não equivale ao da cultura erudita, trabalhada e historicamente situada, nem ao

popular, no sentido da cultura materna, paterna, de casa, mas sim um tipo de gosto intermediário.

Tudo na vida é determinado. No capitalismo, tudo é delimitado pelo usufruto e pelo lucro que algo pode gerar. Adorno (2008) analisa a coluna de astrologia do *Los Angeles Times*, depreendendo de sua análise que mesmo nessa descrição dos destinos por meio dos astros há uma projeção de aspiração burguesa, de bem-estar, de saúde, de casamento, claramente relacionada ao mundo do capitalismo e suas injunções as mais terrestres. Não sendo um semioticista, ainda assim Adorno é influenciado por seus princípios de análise de textos socialmente relevantes e opera na análise segundo algumas escolhas metodológicas capazes de evitar que o leitor pense que ele estaria “apenas” militando ao tratar de certos objetos sociais.

Segundo essa lógica, deve-se ter informações de como se estabelecem, se reproduzem práticas geradoras de consumo e da recepção por elas implicadas. Também temos de ter certa humildade para entender que não é tarefa do semioticista condenar ou punir, mas explicitar e denunciar as coerências e as incoerências que depreendemos do que analisamos.

Nesse sentido, como semioticista, devo reconhecer que estou muito mais próximo do que imaginava da missão de jornalista de que tentei escapar, porque o jornalista também não deve julgar e condenar. Ele é formado para, em tese, explicitar, dar visibilidade, propor uma leitura. Eu estava pensando em qual seria a palavra e metáfora mais adequada para o trabalho que fazemos nas Ciências da Linguagem, sobretudo nas teorias do discurso e na Semiótica, e acredito que podemos comparar com o ato de *revelar*, de olhar para um objeto e de mostrar esse objeto. É como o processo de revelação de uma foto, no sentido analógico, quando você tem uma folha, deixa a luz penetrar, coloca algum insumo químico e algo se revela.

Em nossa área o que se revela é algo que está lá. Então revelamos o machismo que está presente, mas não visível, nas animações da *Disney*. Também pensei no termo *desentranhar*, mas eu acredito que desentranhar significa que o sentido está muito lá dentro e o sentido não tem dentro e fora. Muitas vezes ele está escancarado, mas ainda assim precisa ser evidenciado. Greimas, em seu último livro, *Da imperfeição*, de 1987, cita uma pequena passagem de Goethe, para explicar o que um semioticista faz. Ele diz que o que fazemos é aportar mais luz. E quando jogamos mais luz em um objeto, o revelamos, e não tem como fazer uma explicitação, um trabalho de revelação sem assumirmos uma posição que é ética ou moral em relação àquilo de que se escreve.

Assim, o nó de nossa prática científica, na área dos estudos da linguagem, é o de sermos precisos: ao mesmo tempo não tomar posição nem partido prévio àquilo que se analisa, e ao mesmo tempo explicitar, analisar sem com isso estabelecer uma distância ou suspensão ética, como se fosse possível ou aceitável dizermos que vamos analisar o machismo, mas sem condená-lo, de que vamos analisar o terraplanismo, mas sem condená-lo. Quando se é um analista, tem-se um papel social relevante. Não se pode simplesmente dizer “estou apenas analisando”, “vou apenas analisar”. Portanto, mesmo que o seu texto não vise de antemão a produção de opinião, que busque ser uma primeira leitura organizadora que possa dar subsídios para as pessoas pensarem, de algum modo é preciso se posicionar. Não podemos perder de vista que escolher e analisar um objeto é, em grande medida, um gesto ético.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W.. **As estrelas descem à Terra**. Tradução de Pedro Rocha de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP. 2008.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva. 1987.
- CORTÁZAR, Julio. Casa Tomada. In: CORTÁZAR, Julio. **Bestiário**. Tradução de Remy Gorga Filho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1986. pp. 9-18.
- ECO, Umberto [1964]. **Apocalípticos e Integrados**. Rio de Janeiro: Perspectiva, 2020.
- GEL. **Bate Papo com Linguistas | EP 05 | Conversa com Jean Cristtus Portela**. YouTube. 2020. Realizado ao vivo em 28 de setembro de 2020 no canal GEL (46 min 12). Disponível em: <https://youtu.be/tgp-MAWOEkI>. Acesso em: 13 mar. 2023.
- GREIMAS, Algirdas Julien. **A enunciação (uma postura epistemológica)**. Tradução de Maria Lúcia Vissotto Paiva Diniz. Colaboração e Notas de Jean Cristtus Portela. 1973. Disponível em: <http://semiotica.fflch.usp.br/sites/semiotica.fflch.usp.br/files/u45/enunciacao-Greimas.pdf>. Acesso em 13 mar. 2023.
- GREIMAS, Algirdas Julien; LANDOWSKI, Éric (Orgs.). “**Des accidents dans les sciences dites humaines. Analyse d’un texte de Georges Dumézil**”. Introduction à l’analyse du discours en sciences sociales. Paris, Hachette, 1979.
- LANDOWSKI, Eric. **Presenças do outro**. Rio de Janeiro: Perspectiva, 2002.
- MOMESSO, R.; SCHWARTZMANN, M.; ABRIATA, V.; FERREIRA, R. (org.). **Discurso e Linguagens: Objetos de análise e perspectivas teóricas**. v. 6. Franca: Editora UNIFRAN, 2011.

MOREIRA, Patrícia Veronica; PORTELA, Jean Cristtus. A figura feminina nos filmes Disney: prática de representação identitária. **PERcursos Linguísticos**, Vitória, v. 8, n. 18, 2018.

PORTELA, Jean Cristtus. **Práticas didáticas**: um estudo sobre os manuais brasileiros de semiótica greimasiana. 2008. 181 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/103599>. Acesso em 13 mar. 2023.

PORTELA, Jean Cristtus. **Manual de manuais**: Elementos de Análise do Discurso. 2015.

POUND, Ezra Loomis. **A arte da poesia**. Tradução DANTAS, Heloysa e PAES, José Paulo. São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.

#### **Como referenciar esta entrevista:**

PORTELA, Jean Cristtus. Os estudos semióticos e as linguagens do presente. [Entrevista concedida a] Amarildo Júnior, Evelisie Alves, Luzmara Curcino, Malik Asbahr Nasser, Noá Trevisan e Rafael Campana Filgueiras. **revista Linguasagem**, São Carlos, v.47, n.1, p. 51-72, 2024.